

# O novo templo do Espírito Santo

de Timóteo Carriker

## Textos

Alguns mestres da Lei, que eram do partido dos fariseus, vendo Jesus comer com aquela gente e com os cobradores de impostos, perguntaram aos discípulos: — Por que ele come e bebe com essa gente?... Ninguém usa um retalho de pano novo para remendar uma roupa velha; pois o remendo novo encolhe e rasga a roupa velha, aumentando o buraco. Ninguém põe vinho novo em odres velhos. Se alguém fizer isso, os odres rebentam, o vinho se perde, e os odres ficam estragados. Por isso, o vinho novo é posto em odres novos. — Marcos 2.16, 21-22 NTLH

(Estevão:) Mas foi Salomão quem construiu a casa de Deus. Porém o Altíssimo não mora em casas construídas por seres humanos. Como disse o profeta:  
“O céu é o meu trono, diz o Senhor, e a terra é o estrado onde descanso os meus pés. Que tipo de casa vocês poderiam construir para mim? Como conseguiriam construir um lugar onde eu pudesse morar? Por acaso não fui eu quem fez todas as coisas?” — Atos 7.48-50 NTLH

## Introdução

- tradições culturais na perspectiva antropológica e as minhas aulas
- O culto e a adoração gostosos na IPIE
- Teologia cristã fundamental: a significância da vinda de Jesus (lei e culto)
  1. O NT diz que Jesus revelava a justiça de Deus (Rm 3.17), que no VT era o papel da lei. E o NT também afirma que Jesus aplicava a justiça de Deus a todos aqueles que crêem (Rm 3.22). Isto significa duas coisas:
    - a. A salvação, ou a nossa justificação é pela *graça* de Jesus e não pela lei
    - b. Os justificados por Deus vivem hoje pela *fé*, e não pelas obras da lei.
  2. Também o NT nos diz que Jesus manifesta a majestade, a soberania, e o perdão de Deus, que no VT era o papel especialmente do templo e do seu

sistema de sacrifícios. Isto significa também duas coisas:

- a. Deus é conhecido por meio de Jesus (Jo 12.45)
- b. A distinção no VT entre o sagrado e o profano se extinguiu e o véu de separação se rasgou definitivamente
- c. O templo do VT se despedaçou e hoje o culto a Deus ocorre onde quer que o povo de Deus *se reúne* (1Co 3.16-17). A ênfase não está mais num local determinado. Mas está na *reunião dos santos*.
- d. A rigidez anterior do templo e do sistema de sacrifícios é substituída pela liberdade no Espírito Santo na expressão de culto e adoração.

– Eventualmente quero tratar estas duas mega-transformações na perspectiva bíblica, realizadas pela obra de Jesus que formam as vigas principais da igreja construídas em cima do alicerce, que é o próprio Jesus. Uso esta analogia de “viga” de propósito, para ressaltar o seu lugar fundamental não só na *compreensão* da fé, como também na vivência do crente e na vida da igreja. Poderá pensar que é melhor pensar nos apóstolos como aquelas “vigas” (Ef 2.20), e certamente são. Mas estas transformações no conceito da lei e do culto são justamente a chave para entender o ensino dos primeiros líderes da igreja cristã.

De qualquer maneira, hoje à noite só quero considerar uma destas “vigas”, a viga do templo, dos sacrifícios e da distinção entre o sagrado e o profano. Quero ser fiel como ministro chamado para o ensino da palavra e o preparo da liderança pastoral e missionária da igreja de Cristo. Esta é minha única ambição ao transmitir estas palavras. Hoje de manhã o nosso professor das Cartas de João bem nos lembrou que João era inflexível nos princípios da fé, como também Paulo, Tiago, Pedro e o autor de Hebreus eram. Ele falava com autoridade e nós precisamos falar da mesma maneira hoje. São exatamente dos princípios da fé que quero tratar hoje à noite. A aplicação destes princípios podem variar de acordo com a época e o local. Mas precisamos buscar consenso sobre os princípios em si.

Vamos lá!

## 1. O Templo na época de Jesus

Até a época de Jesus, especialmente duas instituições contribuíram para a formação do culto judaico: o templo e a sinagoga. Quando o Primeiro Templo foi reconstruído depois do exílio na Babilônia, todo o culto judaico de sacrifícios e de festas religiosas girava em torno do ritual de *propiciação* (o ato de aplacar a ira divina) que alcançava seu cúmulo na observação anual do grande Dia de *Expição* (o ato de remir a culpa, cumprindo pena; pagar, Levítico 16). Esta forma de culto, baseada nos princípios levíticos e no código de santidade no Livro de Ezequiel, permaneceu normativa para os judeus no tempo de Jesus e da igreja primitiva até o ano 70 d.C., quando o Segundo Templo, construído por Herodes, foi destruído pelos romanos.

O culto no templo já era central à vida de Israel antes do exílio. Mas com o exílio no século V a.C., o culto no templo se tornou impossível. Em consequência disto, até o século III a.C., surgiram as chamadas “casas de estudo”, isto é, as sinagogas. Nelas, o povo se reunia aos sábados para a leitura da lei, a confissão pública ao único Deus (*shema*), e a recitação de orações. Através destas casas de ensino, as sinagogas, os fariseus e os escribas, porque tanto lidavam com a lei, ganharam uma influência enorme sobre o povo. Frequentemente eles cultivavam um ritualismo severo, como aquele expressado na regulamentação do sábado e nas leis acerca da pureza ritual. Por esta razão, não é surpreendente que o principal conflito de Jesus foi com a prática religiosa dos fariseus e dos escribas que girava em torno da lei e da expiação por meio dos sacrifícios no templo.

## 2. A atitude de Jesus em relação ao culto judaico

Jesus compreendia o culto tantos em termos *tradicionais* quanto em termos da

*liberdade*. Jesus entendia que alguns elementos tradicionais eram essenciais para o culto: por exemplo, 1) a confissão tradicional num só Deus (o *Shema*, veja Marcos 12.29, cf. Deuteronômio 6.4); 2) a declaração da operação deste Deus na criação e na revelação das Escrituras (Mateus 5.45), e 3) pela afirmação que a vontade original de Deus precede a lei e ainda mais as diversas tradições dos judeus piedosos (Mateus 5.21-48; Marcos 10.1-9; mas cf. Marcos 7.1-8 e par.s). O importante para Jesus não era tanto o que Deus tinha feito ou exigido no passado, mas a sua ação no presente. Portanto proclamou, como os profetas da sua época, a irrupção radical do reinado de Deus dentro da história. Aliás, é justamente esta irrupção dum novo regime de Deus dentro da história que explica toda a perspectiva de Jesus em relação à lei, ao sistema de sacrifícios e à totalidade do Antigo Testamento. O velho regime não deve ser suplementado, renovado, ou de qualquer outro jeito continuado. Ao invés disto, deve ser rasgado e descartado, porque aquilo que é permanente e final agora se revelou (Marcos 2.21-22).

Tanto que, quando Jesus visitava o templo ou a sinagoga, ia principalmente para proclamar a sua mensagem e agir, não para cultuar. Ainda mais significativa, não limitava seu ensino e a sua atividade àquele lugar de culto. Por exemplo, os principais distintivos do judaísmo depois do exílio eram a *observância do sábado* e dos *regulamentos sobre a pureza*. Estas observâncias eram de suma importância para a auto-identidade dum judeu daquela época. Mas Jesus escandalosamente declarou que “o sábado foi feito para servir as pessoas, e não as pessoas para servirem o sábado” (Marcos 2.27), efetivamente colocando de ponta cabeça a interpretação comum a respeito da observância do sábado.

Um segundo exemplo se encontra em Marcos 7.15, onde Jesus asseverou, “tudo o que vem de fora e entra numa pessoa não faz com que ela fique impura, mas o que sai de dentro, isto é, do coração da pessoa, é que faz com que ela fique impura.” Foi uma afirmação *sem paralelo* em toda a literatura judaica antiga. Assim Jesus não fez nada menos que *remover a distinção entre o sagrado e o profano*, e por isso mesmo,

ele era capaz de comungar com os pecadores.

Um terceiro exemplo foi o uso de linguagem *íntima*, *familiar* e muito *informal*, como o “Aba, pai”, evidência de que Jesus não gostava de formalidades no culto e mais uma vez, advogava a extinção da distinção comum entre o sagrado e o profano.

Estes três exemplos já são suficientes para eliminar uma vez para sempre a distinção antiga entre o sagrado e o profano. Entretanto, ainda são poucos diante da afirmação ousadíssima de Jesus de poder perdoar os pecados. A reação dos mestres da lei ficaram escandalizados, e com razão dentro do da perspectiva judaica (Mc 2.5ss). “O quê?! Tu perdoas os pecados? Quem pensas que és?” Pois somente Deus pode perdoar os pecados e tal perdão só se realiza durante o culto prestado dentro do templo. Quando Jesus prometeu o perdão dos pecados, ele simultaneamente estava negando o sistema propiciatório do templo e assim, o propósito principal da sacralidade do templo.

E a mesma atitude se manifesta também em mais duas ocasiões: na sua afirmação acerca da destruição do templo logo depois de expulsar os cambistas do templo (João 2.13-22). Hoje, todos os estudiosos da Bíblia concordam que esta ação de virar as mesas no templo precipitou o fim do seu ministério terrestre e desencadeou os eventos da sua paixão. Era um ato de sacrilégio para os judeus. Mas para Jesus este ato representou a impossibilidade da continuação do culto tradicional de sacrifícios e identificou o templo com o regime antigo que deve abrir o caminho para a alvorada do reino de Deus.

Em resumo, o ministério de Jesus demonstra dois pontos fundamentais da sua atitude em relação ao culto judaico. *Primeiro*, ele repudiou a ritualização que um espaço concebido como sagrado pode propiciar. *Segundo*, ele proclamou o fim do culto do templo. E, de fato, na sua crucificação, o véu de separação no templo, se rasgou. E não sou eu que vou remendá-lo. Em síntese, o reino soberano de Deus abole a ordem sagrada do Antigo Testamento.

### 3. O culto nas igrejas do Novo Testamento

O culto no Novo Testamento também se caracteriza em termos *tradicionais* e em termos de *liberdade*. O culto no Novo Testamento ainda exigia a confissão dum único Deus, criador do céu e da terra. Também proclamava que este Deus está ainda agora agindo com base em suas promessas aos profetas, e que está agindo com a intenção de realizar a salvação do mundo.

Apesar da igreja primitiva ser predominantemente judaica durante as primeiras décadas, no culto cristão havia bastante liberdade de expressão em relação a todas as exigências judaicas anteriores, porque a mensagem, a fé, e o culto dos cristãos se preocupavam com a inauguração do *novo* regime que Deus estava estabelecendo no mundo através da morte e da ressurreição de Jesus. Podemos dizer que três fatores são essenciais para o culto da comunidade cristã primitiva: 1) a mensagem e o ministério de Jesus, 2) a proclamação da sua morte e ressurreição, e 3) a operação do Espírito Santo. Pela ressurreição de Jesus, a vitória sobre os poderes do pecado e da morte se manifestou decisivamente. Em retrospectiva, para estes cristãos, o ministério terrestre de Jesus só poderia ser visto da perspectiva da cruz e da páscoa. E a evidência de que Deus havia efetuado tal transformação definitiva na história foi o derramamento e a operação do Espírito Santo.

Esta transformação do curso de toda a história, o irromper do fim dos tempos no aqui e agora, não permitia, portanto, uma simples adoção do culto judaico. E a *nova ordem* exigia uma *nova linguagem*. Pois *quase nenhum dos termos do culto judaico permanece* no culto cristão. E quando um termo ocorre, seu uso é inconfundivelmente metafórico. O único termo que persiste no contexto do culto cristão é a frase “reunir-se” (*sunércumai*, 1Coríntios 5.4; 11.17, 20; 33-34; 14.23, 26; Mateus 18-20; Atos 4.31; 20.7-8; 14.27; 15.6).<sup>1</sup> Um outro termo que se refere à

---

<sup>1</sup> Todos os outros termos aparecem apenas incidentalmente e sem um significado necessariamente cúltico: “serviço” (*latreía*), “prestar culto ou serviço” (*latreúo*), “ministério” (*leitourgía*), “religião” ou “culto” (*threskeía*), “sacrifício” or “oferta” (*thusía*, ou *prosforá*), “aproximar-se” (*prosércesqai*).

“reunião” ou à “assembléia” dos crentes é a palavra grega, *eclesía*, de onde derivamos a palavra latina *eclésia*, que em português vira *igreja*. “Igreja”, então, não se refere a nenhum local específico, mas à “reunião” dos seguidores de Jesus onde quer que esteja, aqui no salão de culto, no pátio lá fora, nas suas casas durante a reunião das células, no acampamento ou até mesmo na praia. Os reformadores queriam voltar a esta ênfase bíblica quando tiram os ícones e a simbologia de modo geral do salão de culto. Conceber o salão de culto nos mesmos termos do templo é conceito católico, não evangélica. É a igreja católica que concebe espaços e elementos como especificamente “sagrados”. Os evangélicos entendem que Jesus sacralizou a vida toda.

Certamente vocês sabem que são o templo de Deus e que o Espírito de Deus vive em vocês. Assim, se alguém destruir o templo de Deus, Deus destruirá essa pessoa. Pois o templo de Deus é santo, e vocês são o seu templo. – 1 Coríntios 3.16-17 NTLH

Portanto, meus irmãos, o que é que deve ser feito? Quando vocês se reúnem na igreja, um irmão tem um hino para cantar; outro, alguma coisa para ensinar; outro, uma revelação de Deus; outro, uma mensagem em línguas estranhas; e ainda outro, a interpretação dessa mensagem. Que tudo seja feito para o crescimento espiritual da igreja. – 1 Coríntios 14.26 NTLH

A *reunião*, então, é a característica significativa do culto cristão. Onde a comunidade se reúne, Deus é louvado, seus atos extraordinários proclamados, orações feitas e a ceia do Senhor celebrada. Esta nova linguagem significa a liturgia cristã se caracteriza mais pela informalidade, e ainda mais, que não há mais nenhuma distinção, em princípio, entre o congregar-se para culto e o serviço cristão no mundo. O serviço cristão no mercado, no mundo de negócios e no “mundo” de modo geral era tão “sagrado” quanto a reunião dos crentes para o culto. João Calvino e os reformadores falaram de modo semelhante a respeito da vocação cristão. Encontramos aqui a herança da abolição por Jesus da divisa entre o sagrado e o profano. O rompimento que Deus realiza no curso da história pela morte e

ressurreição de Jesus leva os discípulos não à isolamento mas os chama para o mundo que Deus criou. Abole-se a sacralização do culto em termos formais e estabelece-se a comunidade cristã como uma comunidade aberta ao mundo. Não que o culto, no sentido de devoção a Deus seja abolido. Mas esta devoção não se limita a uma área especial definida, e sim ao meio da vida vivida pelos cristãos. Não há culto cristão sem responsabilidade em relação ao próximo. Aliás, é importante esclarece, que a abolição entre o sagrado e o profano não resultou e não resulta hoje na profanação da vida religiosa. Ao contrário, resulta na sacralização da vida toda: todas as atividades, todos os dias, e todos os lugares.

Como conseqüência disto, no Novo Testamento *não há nenhum traço de ordem litúrgica obrigatória*. Tal ordem regular só aparece em meados do século II na *Apologia* de Justino. Ao invés disto, havia *liberdade e variedade de expressão* na organização do culto.

## Conclusão

O assunto do culto cristão e a transformação dele que Jesus realizou não é assunto periférico, secundário, ou opcional. Também não permite discordância. Este é um daqueles princípios inflexíveis da fé. Se como corpo de Cristo somos inflexíveis a respeito da obra salvífica de Jesus e da sua posição única como Filho de Deus, também temos que ser inflexíveis a respeito das implicações da sua obra para o culto e a adoração pelo povo de Deus. Este não é assunto que podemos arquivar e tentar esquecer. Sem uma definição clara sobre este assunto, não gozaremos plenamente dos benefícios da crucificação e da ressurreição de Cristo. Exagero? Absolutamente não.

Lógico, que ainda teremos que *aplicar* o princípio a situações concretas, e aí poderemos discordar sem problema. Entretanto não devemos mais falar naquilo que é apropriado na igreja como se fosse espaço sagrado. Ao invés disto, devemos nos preocupar com o que é apropriado na vida e na reunião dos crentes *onde quer que*



*estejam.*

A idéia fundamental do culto cristão primitivo é esta: *o culto e o serviço a Deus se baseiam no esperado irromper da salvação na história.* Em consequência disto, *primeiro*, a comunidade cristã se reúne para o culto com base na nova ação salvífica que Deus realizou na história através de Cristo, que por sua vez, se evidencia na operação do Espírito Santo. *Segundo*, o culto é a *edificação (oikodomé)* da igreja onde a nova criação toma forma concreta e corporal para a salvação do mundo. Portanto, o culto possui uma função missionária. Permanece aberto para todos os que *não crêem*. Nagel disse com razão, “o culto toma sua forma do descrente.” *Terceiro*, o culto não ocorre num espaço ou plano separado do mundo, mas no meio do mundo existente, e inclui o serviço dos fiéis no dia-a-dia. *Quarto*, o culto só pode ser ordenado apropriadamente quando há a liberdade necessária para a operação do Espírito Santo. Deve permanecer livre de ordem institucional rígida. E *finalmente*, o culto cristão é dominado pelo dom escatológico e salvífico de Deus e permanece aberto para seus futuros atos. É o alvo último da igreja. E é o serviço responsável daqueles que põem a mão no arado e não olham para trás, mas com orações queimando, se juntam no grito, “Maranata, vem Senhor”.

## Obras Consultadas

HAHN, Ferdinand. *The Worship of the Early Church*. Trad. de David E.Green. Philadelphia: Fortress Press, 1973.

MARTIN, Ralph. *Adoração na igreja primitiva*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1982.

SHEDD, Russell. *Adoração bíblica*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1987.